A EUCARISTIA:
MEMORIAL DO SACRIFÍCIO DE CRISTO

Tal como a incarnação, a Eucaristia reproduz sacramentalmente a oferta redentora. Como disse o próprio Jesus: «o pão que Eu hei-de dar é a minha carne, pela vida do mundo.» (6, 51). Jesus dá a Sua carne para o mundo. Não a dá apenas para fazer desabrochar nos crentes uma vida nova, mas para que esta vida nova se estenda ao mundo inteiro.

Em cada celebração eucarística, se renova o sacrifício de Cristo. As palavras da consagração fazem reviver misticamente a oferta, para o benefício de toda a humanidade. Naturalmente, esta oferta já não se realiza como outrora, com o derramamento do sangue de Cristo, mas através de um rito sacramental. Todavia, mantém-se integralmente, na sua generosidade espiritual. Toda a oferta pessoal do Salvador, bem como a totalidade do seu sacrifício.

A Eucaristia é o memorial da Páscoa de Cristo, a atualização e a oferenda sacramental do seu único sacrifício, na liturgia da Igreja que é o seu corpo. O carater sacrifical da Eucaristia manifesta-se nas próprias palavras da instituição: «este é o meu corpo que vai ser entregue por vós» e «este cálice é a Nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós». Na Eucaristia, Cristo dá-nos o seu corpo e sangue entregues por nós na cruz. Não é somente uma lembrança do passado, mas acontecimentos que se atualizam e se tornam, de certo modo, presentes e atuais. (Cf. Catecismo 1362. 1365)

Jesus veio *«para dar a Sua vida pela redenção de muitos»*. Ninguém poderia tirar-Lhe a vida, mas foi Ele que a deu voluntariamente. A Santa Missa é o memorial da Sua Morte. Jesus instituiu este memorial na Última Ceia, enquanto celebrava a Páscoa hebraica com os seus discípulos.

«Tomou, então, o pão e, depois de dar graças, partiu-o e distribuiu-o por eles, dizendo: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em minha memória.» Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: «Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós.» (S. Lucas, 22,19-20).

Jesus, na ceia pascal, consagrando o pão e o vinho, ofereceu-se ao Pai, como verdadeiro cordeiro pascal, instituiu o rito da Nova e Eterna Aliança, como a maior prova de amor, dando esta ordem: «*Fazei isto em memória de Mim*»

No dia seguinte, no sacrifício do Calvário, Jesus realizou em plenitude o que celebrou na ceia pascal: na cruz, entre dois ladrões, Ele ofereceu o seu corpo e derramou o seu sangue pela redenção da humanidade. A Igreja preservou as palavras que Jesus proferiu na Última Ceia, na Santa Missa, celebrando o memorial da Nova e Eterna Aliança, renovando e atualizando o sacrifício da cruz para os homens de todo o tempo e lugar.

A Igreja, na Santa Missa celebra o maior acontecimento da história da humanidade: o único sacrifício de Cristo, não como uma simples recordação do que aconteceu há dois mil anos, mas como um *«memorial»*, como algo que está a acontecer agora. A Santa Missa torna-nos contemporâneos do Calvário, onde Jesus se ofereceu na cruz. Desta forma, Ele chama à atenção dos homens e desperta suas consciências adormecidas.

Na Santa se atualiza o único sacrifício de Cristo como se estivéssemos lá presentes. Se temos inveja dos bons, fomos representados pelos Escribas e Fariseus. Se somos hesitantes em abraçar a Verdade e acolher o Amor divino, receando de perder as vantagens temporais, estivemos lá, na pessoa de Pilatos. Se a nossa confiança é baseada no poder e no domínio, fomos bem representados por Herodes. E, assim, os homens continuam a repetir os pecados do mundo, ficando cegos e não reconhecendo que Jesus é Deus. Ontem como hoje persiste uma irrefutável certeza: os homens, pelo livre arbítrio, continuam a pecar, e usam a sua liberdade para O crucificar. Não é possível fugirmos à

cruz, todos a vemos: abraçando-a nos salvamos; fugindo dela, nos perdermos.

Como é, porém, que a cruz se torne visível? Como se perpetuou e renovou o cenário do Calvário?

No Santo Sacrifício da Missa, porque, quer no Calvário, quer durante o Santo Sacrifício, o Sacerdote e a Vítima são os mesmos. As sete palavras derradeiras são idênticas às sete partes da Missa. Assim como as sete notas musicais comportam uma infinita variedade de harmonias e combinações, também na Cruz há sete notas divinas que o Cristo moribundo fez soar através dos séculos e que, no seu conjunto, constituem a sublime melodia da Redenção do mundo.